



## **CRISE E DOMINÂNCIA FINANCEIRA NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: por que é tão difícil enxergar a luz no fim do túnel?**

**Danielle de Queiroz Soares<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O capitalismo contemporâneo se vê mergulhado em uma das maiores crises de sua história. Países avançados convivem com a estagnação de suas economias e elevadas taxas de desemprego. Países periféricos lutam para escapar dos efeitos nefastos que a turbulência no centro provoca sobre o mercado mundial e os investimentos internacionais. Aqui, o foco concentra-se nas análises da corrente francesa que discute a mundialização do capital, a financeirização da economia e seus impactos sobre a crise.

Palavras-chave: Crise, dominância financeira, crescimento econômico, mundialização do capital.

### **ABSTRACT**

Contemporary capitalism finds himself immersed in one of the biggest crises in its history. Advanced countries live with their stagnant economies and high unemployment rates. Peripheral countries struggle to escape the adverse effects that turbulence causes the center on the world market and international investments. Here the focus is on the analysis of current French discussing the globalization of capital, financialization of the economy and its impact on the crisis.

Keywords: Crisis, financial domination, economic growth, globalization of capital.

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Maranhão – UFMA. [danieqs@uol.com.br](mailto:danieqs@uol.com.br)



## 1 INTRODUÇÃO

Desde meados de 2008 as principais economias do mundo capitalista mergulharam na, que vem sendo chamada por muitos (CHESNAIS, 2013; KURTZ, 2013; MARQUES&NAKATANI, 2009), maior crise de sua história. Grandes bancos de investimentos quebraram, milhares de empresas fecharam suas portas e milhões de pessoas perderam seus empregos. Num mundo globalizado, as conseqüências de tamanho abalo foram sentidas em todas as partes do planeta.

O primeiro ponto importante, para tentar entender o que está acontecendo, é definir o que seria crise. Segundo Harvey (2011, p.7) “o capital é o sangue que flui através de todas as sociedades que chamamos de capitalistas” e todas as vezes que “interrompemos, retardamos ou, pior, suspendemos o seu fluxo, deparamo-nos com uma crise”.

Na prática, o que vemos durante uma crise é uma diminuição da atividade econômica e seu conseqüente reflexo sobre o processo e acumulação do capital. Isso significa que: quando o capital diminui a sua velocidade de circulação sobram menos recursos para serem emprestados e investidos. Assim, diminuem as oportunidades de negócios, os empregos e a riqueza produzida pela sociedade. Ainda de acordo com Harvey:

A continuidade do fluxo na circulação do capital é muito importante. O processo não pode ser interrompido sem incorrer em perdas. Há também fortes incentivos para acelerar a velocidade da circulação. Aqueles que podem se mover mais rapidamente pelas diversas fases da circulação do capital acumulam lucros superiores aos de seus concorrentes. A aceleração quase sempre leva a maiores lucros. As inovações que ajudam a acelerar as coisas são muito procuradas. (HARVEY, 2011, p.42)

Se a manutenção da continuidade do fluxo do capital é tão importante, porque o vemos ser interrompido com tanta frequência? Segundo Harvey (2011, p.43) “ao longo da história do capitalismo tem havido uma tendência para a redução geral das barreiras espaciais e para a aceleração” do fluxo do capital. Basta pensar na revolução promovida nas últimas décadas nos meios de informação e transporte. O movimento do capital tem, na verdade, se tornado cada vez mais rápido e as suas relações no espaço ficam cada vez mais estreitas. Essa tendência, no entanto, adverte Harvey (2011, p.43) “não é suave nem



irreversível”. Para ele existem muitos “potenciais obstáculos à circulação do capital, que, se se tornarem intransponíveis, podem produzir uma crise” (2011, p.43).

O exame do fluxo de capital por meio da produção revela seis barreiras potenciais à acumulação, que devem ser negociadas para o capital ser reproduzido: i) capital inicial sob a forma de dinheiro insuficiente; ii) escassez de oferta de trabalho ou dificuldades políticas com esta; iii) meios de produção inadequados, incluindo os chamados ‘limites naturais’; iv) tecnologias ou formas organizacionais inadequadas; v) resistências ou ineficiências no processo de trabalho; e vi) falta de demanda fundamentada em dinheiro para pagar no mercado. (HARVEY, 2011, p.46)

A partir dessa análise, quais seriam as principais barreiras ao capital que teriam nos jogado na crise atual? Certamente existem problemas com várias delas, dependendo da economia de qual país se deseja colocar sobre o microscópio. Neste trabalho concentramos as atenções apenas na primeira delas, ou seja, nos impactos que os abalos no sistema de crédito e das instituições especializadas em reunir e distribuir o dinheiro, nos países avançados, tiveram sobre a crise atual e sua propagação pelo mundo.

O objetivo central aqui é refletir sobre a importância da esfera financeira para o capitalismo contemporâneo e entender porque a sua regulação (sugerida por muitos como a única forma de reverter a crise atual) é tão improvável. Para isso é fundamental abordar, ainda que brevemente, as análises da corrente francesa que discute a financeirização da economia e a mundialização do capital (Chesnais, Duménil&Lévy).

Antes de qualquer outra coisa, no entanto, é preciso lembrar como a crise atual começou e quais são as particularidades dela que a diferenciam de todas as outras vividas no passado.

## 2 A CRISE CONTEMPORÂNEA

Quando começa a crise atual? Há controvérsias! Um grande número de pensadores, no entanto, costuma concordar quanto a dois pontos básicos com relação a crise atual: ela explodiu em 2008 e vários dos elementos que levaram a ela – a desregulamentação dos mercados, as inúmeras inovações financeiras e a globalização de outras políticas neoliberais - surgiram como tentativa de solução para a grande crise anterior na qual o capitalismo havia afundado na década de 70 do século passado.



O mercado imobiliário americano foi o cenário inicial do pânico que logo se espalhou por todo o mercado financeiro e posteriormente “transformou-se em crise de superprodução, afetando a produção, o emprego e o comércio internacional” (MARQUES&NAKATANI, 2009, p.72).

No início do século XXI os juros baixos e a oferta abundante de crédito por parte dos bancos nos Estados Unidos fez com que uma enorme parcela da população americana contraísse empréstimos para comprar suas casas. Logo a procura por imóveis aqueceu o mercado imobiliário e os preços dispararam. Com o aumento dos valores dos imóveis aumentaram também o valor dos empréstimos e o número de hipotecas, uma vez que muitos passaram a refinar suas casas para ter acesso a dinheiro para consumo. O exagero nos gastos e o fato de que uma grande quantidade desses tomadores de empréstimos eram clientes *subprime*<sup>2</sup> configurou, num espaço curto de tempo, uma catástrofe de grandes proporções.

Em 2006, os despejos em áreas de baixa renda aumentaram significativamente. No final de 2007 a classe média americana foi atingida e o problema começou a ganhar a atenção da mídia. Segundo Harvey (2011, p.9), só nessa época, “quase 2 milhões de pessoas perderam suas casas e outros 4 milhões corriam o risco de ser despejados”. E a coisa não parou por aí, logo, ainda segundo Harvey:

Os valores das casas despencaram em quase todo os EUA e muitas famílias acabaram devendo mais por suas casas do que o próprio valor do imóvel. Isso desencadeou uma espiral de execuções hipotecárias que diminuiu ainda mais os valores das casas. (HARVEY, 2011, p.9)

A execução das hipotecas, no entanto, não resolvia o problema dos bancos. Ao contrário, a partir de meados de 2008, o problema dos bancos passou a ser de todo mundo.

---

Uma das inovações financeiras mais populares dos últimos anos consistia no ato de compor, com títulos de diferentes origens, pacotes de aplicações que se disseminavam por todo o sistema financeiro internacional. A ideia a princípio parecia boa: diluir os riscos, criando a falsa impressão de que assim eles desapareceriam. O que se viu, na realidade, foi justamente o contrário. Quando a, como ficou conhecida, “crise das

---

<sup>2</sup> Clientes *subprime* são aqueles oferecem alto grau de risco de inadimplência



hipotecas *subprime*” explodiu, “levou ao desmantelamento de todos os grandes bancos de investimento de *Wall Street*,<sup>3</sup> com mudanças de estatuto, fusões forçadas ou falências” Harvey (2011, p.10). Para piorar, como a economia mundial hoje é profundamente interconectada logo, por contágio, o caos estava instalado em toda parte.

A primeira reação, tanto por parte de muitos pensadores quanto dos governos, foi de incredulidade. Muitos não acreditavam no potencial da crise que já fazia estragos e insistiam na retórica neoliberal de auto-ajuste dos mercados, mas logo ficou claro que coisa era muito séria. Assim:

[...] os governos rapidamente implementaram políticas para fazer frente à crise – redução das taxas de juros, diminuição dos impostos, socorro via empréstimos às empresas e bancos ‘mais necessitados’, nacionalização dos bancos, entre outras medidas -, coisas que, na crise dos anos 30, demoraram anos para começarem a ser feitas. (MARQUES&NAKATANI, 2009, p.73).

No entanto, parece que repetir fórmulas do passado desgastadas parece não ser mais o suficiente. Isso talvez se deva ao fato de que, como diria Kurz (2013b), “o capitalismo não se repete, e também não gira em círculo, porque ele próprio é um processo histórico irreversível”. Kurtz (2013b) argumenta ainda que:

Se a globalização e a produtividade se desenvolvem cada vez mais, então por que não de ser o caráter, a profundidade e a abrangência das crises sempre os mesmos? A história que se gosta de contar sobre a especulação com os bolbos de tulipa na bolsa de Amsterdã no século XVII não nos ensina nada sobre a bolha imobiliária de 2008 e nem sobre a falência do Lehman Brothers.<sup>3</sup>

A despeito dos muitos esforços do governo norte-americano que, a partir do momento em que o Lehman Brothers<sup>4</sup> fechou suas portas e todo o sistema financeiro entrou em pânico, correram a socorrer aqueles que eram considerados “grandes demais para falir” (Harvey, 2011, p.12), não se conseguiu evitar que os mercados globais de crédito travassem e suspendessem os empréstimos em quase todo o mundo, por um tempo longo demais. Assim, a crise que parecia ser apenas financeira contaminou o lado real da economia.

### 3 A IMPORTÂNCIA DA ESFERA FINANCEIRA HOJE

<sup>3</sup> *Wall Street* é uma rua da cidade de Nova York onde estão instaladas as sedes das maiores instituições financeiras internacionais. Segundo Peter Gowan (2003, p.55) “desde o início da década de 1980, a maior parte da atividade dos mercados financeiros internacionais foi concentrada em *Wall Street* (e em seu satélite, Londres)”.

<sup>4</sup> O *Lehman Brothers* foi um banco de investimentos e serviços financeiros que tinha sede em Nova York, embora atuasse no mundo todo, e que faliu em 15 de setembro de 2008 devido aos prejuízos amargados com a crise das hipotecas *subprime*



Como uma crise na esfera financeira pode ter tamanho poder de destruição e se espalhar para economia real em tão pouco tempo? Primeiro, porque essa crise não é apenas financeira. Trata-se, segundo Marques&Nakatani (2009, p.63), de “uma crise do capital, cuja manifestação primeira ocorreu na esfera financeira”. O que não é nenhuma surpresa, se consideramos a importância que essa esfera financeira assumiu desde meados da década de 70 do século passado.

François Chesnais acredita que vivemos sob “uma nova configuração do capitalismo mundial e dos mecanismos que comandam seu desempenho e sua regulação” (CHESNAIS, 1996, p.13). Nesta nova etapa, que ele chama de mundialização do capital, “o estilo de acumulação é dado pelas novas formas de centralização de gigantescos capitais financeiros (os fundos mútuos e fundos de pensão), cuja função é frutificar principalmente no interior da esfera financeira” (CHESNAIS, 1996, p.14). O autor adverte, no entanto, que embora a posição privilegiada assumida pelo capital financeiro lhe permita dominar toda a atividade econômica através do planeta, continua sendo um atributo exclusivo da esfera produtiva a capacidade de criar riqueza.

É na produção que se cria a riqueza, a partir da combinação social das formas de trabalho humano, de diferentes qualificações. Mas é a esfera financeira que comanda, cada vez mais, a repartição e a destinação social dessa riqueza. Um dos fenômenos mais marcantes dos últimos 15 anos tem sido a dinâmica específica da esfera financeira e seu crescimento, em ritmos qualitativamente superiores aos dos índices de crescimento do investimento, ou do PIB (inclusive dos países da OCDE), ou do comércio exterior. (CHESNAIS, 1996, p.15)

O que Chesnais (2003, p.46) chamou de “regime de acumulação com dominância financeira” seria então “uma etapa particular do estágio do imperialismo, compreendido como a dominação interna e internacional do capital financeiro”. Como isso se implementa na prática? Bem, de acordo com Gowan (2003, p.09):

A transformação dos ambientes internos dos países assume o nome de neoliberalismo: envolve uma mudança nas relações sociais internas em favor dos interesses do credor e do investidor, com a subordinação dos setores produtivos aos setores financeiros, e com uma tendência a afastar da riqueza do poder e da segurança a maior parte da população trabalhadora.

Um conjunto de mudanças, estabelecidos pelas políticas neoliberais adotadas por governos de quase todas as economias capitalistas dos anos 80 em diante, foi decisivo para reafirmar o que Duménil&Lévy (2005, p.86) chamam de “nova hegemonia financeira”.



Medidas como a elevação das taxas de juros, a redução dos impostos sobre grandes fortunas, o aumento dos dividendos pagos a acionistas e, é claro, a completa desregulamentação dos mercados financeiros, foram responsáveis pela “formação de fluxos de rendas favoráveis às classes ricas” (DUMÉNIL&LÉVY, 2005, p.90) e aumentaram enormemente a concentração de renda no mundo. Não é de se admirar, portanto, que sob efeito de ventos tão favoráveis na últimas décadas tenhamos assistido um superdesenvolvimento do capital fictício. Segundo Marques&Nakatani (2009, p.63):

Encontramos em Marx, três grandes formas de capital fictício, o capital bancário, a dívida pública e o capital acionário, todos os três expressando as formas desenvolvidas na época em que escreve. Se a eles agregarmos o atual mercado de derivativos, teremos, então, quase todo o capital fictício que impulsiona a acumulação de capital e forma o conjunto de capitais que comandam o processo de acumulação em geral e as formas particulares de gestão de unidades individuais de capital, nesta fase do capitalismo financeirizado<sup>5</sup>.

O que essa expansão de capital fictício tem a ver com a atual crise? Tudo! De acordo com Chesnais (2013), nos últimos 30 anos recorreu-se, sobretudo, a três meios para superar os limites imanentes do capital: 1) liberalização das finanças, do comércio e dos investimentos (para garantir novos mercados onde o capital pudesse atuar); 2) criação de capital fictício e de meios de crédito (para ampliar uma procura insuficiente no centro do sistema); e 3) reincorporar, enquanto elementos plenos do sistema capitalista mundial, a União Soviética (e os seus satélites) e a China.

Embora esses três meios estejam profundamente interconectados, nos interessa aqui especialmente o segundo. Para Chesnais (2013), as economias centrais recorreram, em peso, “à criação de formas totalmente artificiais de ampliação da demanda efetiva, as quais, somando-se a outras formas de criação de capital fictício” teriam gerado as condições para a crise que vivemos hoje. A busca por inovações financeiras que permitissem a expansão no volume de negócios realizados, cegou banqueiros, governantes e consumidores em geral para os perigos que essas operações representavam. O fato de estarem os mercados financeiros extremamente integrados e quase totalmente desregulamentados elevou os riscos a patamares inéditos. O resultado não demorou a aparecer: quando as hipotecas americanas começaram a não ser pagas todo o sistema financeiro internacional colapsou.

<sup>5</sup> De acordo com Marques&Nakatani (2009, p.39), *derivativos* são títulos derivados de outros títulos. Eles são divididos em dois grupos principais: *hedge* e *swap*. Ambos supõem uma transferência de risco sobre a tendência desconhecida dos preços que irão vigorar no futuro. A desregulamentação dos mercados financeiros internacionais nas últimas décadas expandiu enormemente o mercado de *derivativos*



O capital fictício é chamado de fictício por uma razão: ele de fato não existe. Mas é só na hora que a crise explode que todos percebem isso. De acordo com Chesnais (2013), o próprio Marx considerava que “o capital fictício é a acumulação de títulos que são ‘sombra de investimentos’ já feitos mas que, como títulos de bônus e ações, aparecem com o aspecto de capital aos seus detentores”. Seu caráter fictício, que permanece oculto em situações normais, revela-se em situações de crise.

#### 4 CONCLUSÃO

Criar expedientes para garantir créditos a governos, empresas e famílias, que de outra forma não teriam como gastar, parece ter sido a solução para manter a acumulação de capital nas últimas décadas. Tal comportamento, no entanto, nos jogou no centro da maior crise da história e ela parece estar longe de arrefecer (se é que um dia isso vá acontecer).

Para piorar, o modelo neoliberal, adotado pela maioria dos países capitalistas, de acordo com Duménil&Lévy (2005, p.92), é, definitivamente, “desfavorável à acumulação e ao crescimento”. As altas taxas de juros não incentivam as empresas a financiar seus investimentos e, por outro lado, o recurso de financiamento via emissão de ações também é evitado para estimular a tendência de alta das cotações. O que permanece dos lucros nas empresas para reinvestir também é muito pouco depois que são descontados os pagamentos de juros e dividendos aos credores e acionistas.

A alta concentração da riqueza nas mãos de uma minúscula parcela da população mundial também preocupa, uma vez que seu consumo é insuficiente para manter a acumulação de capital num nível razoável. Até o americano Stiglitz (2013) admite que o fato da “desigualdade social nos Estados Unidos aumentar há décadas” é prejudicial até para os ricos. Ele afirma ainda que “vamos chegar a um ponto em que a desigualdade desencadeará disfunções econômicas que se espalham por toda a sociedade”.

O dinheiro que o setor financeiro extrai dos norte-americanos pobres ou da classe média, por meio de práticas predatórias de crédito, por ser visto como uma forma de renda de monopólio. Nos últimos anos, este setor apropriou-se de cerca de 40% de todo o lucro empresarial no EUA, algo totalmente distante de sua contribuição social. A crise mostrou, ao contrário, como ele pode espalhar devastação pela economia. (STIGLITZ, 2013)

Qual seria a solução então? Na prática, segundo Chesnais (2013), “o *Federal Reserve* dos Estados Unidos cria mais capital fictício para manter a ilusão de um valor do capital que está a beira de desmoronar, com a perspectiva de ter, em algum momento dado,



a possibilidade de aumentar fortemente a pressão fiscal”. A perspectiva, portanto, é de aprofundamento da crise.

No campo teórico velhas soluções keynesianas são requeitadas na tentativa de achar saídas para esse buraco que parece mais fundo e mais negro do que se imaginava. Kurz (2013c), no entanto, adverte “o regresso a regulação estatal é considerado geralmente como um plano de gestão da crise” como se o neoliberalismo tivesse sido um erro histórico. Ele argumenta ainda que “a doutrina neoliberal não foi um simples erro, mas uma reação à falta de condições reais de valorização do capital” e acredita que “o keynesianismo de crise” pode se revelar “a continuação do neoliberalismo por outros meios”.

## 5 REFERÊNCIAS

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. **Uma nova fase do capitalismo?** São Paulo: Xamã Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **O capitalismo tentou romper seus limites históricos e criou um novo 1929, ou pior.** [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=15284](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15284). Acesso em 02 abr. 2013.

DUMÉNIL, Gerard & LÉVY, Dominique. O Neoliberalismo sob a hegemonia norte-americana. IN: CHESNAIS, François. **A Finança Mundializada**. São Paulo: Boitempo Editora, 2005.

GOWAN, Peter. **A Roleta Global**: Uma aposta faustiana de Washington para a dominação do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HARVEY, David. **O Enigma do Capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

KURZ, Robert. **Keynesianismo de Casino**. <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz304.htm>. Acesso em 02 abr. 2013a.



\_\_\_\_\_. **O capitalismo não se repete.** <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz398.htm>. Acesso em 02 abr. 2013b.

\_\_\_\_\_. **Keynesianismo neoliberal.** <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz338.htm>. Acesso em 02 abr. 2013c.

MARQUES, Rosa Maria; NAKATANI, Paulo. **O que é capital fictício e sua crise.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

STIGLITZ, Joseph. **As entranhas do declínio americano.** <http://www.outraspalavras.net/2013/03/25/as-engrenagens-do-declinio-americano/>. Acesso em 02 abr. 2013.